

Para além das efemérides, um convite a pensar o rádio

Aprendíamos nos livros de história do rádio, até os anos 1990, que o precursor meio eletrônico teve sua estreia “oficial” no Brasil em 1922, durante a exposição do centenário da Independência, um megaevento que reuniu autoridades, intelectuais e um variado público da antiga capital federal. A demonstração de transmissões em ondas hertzianas realizada por fabricantes de equipamentos radioelétricos dos EUA (Westinghouse/Western Electric) inspirou educadores como Edgard Roquette-Pinto e Henrique Morize a criar, no ano seguinte, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, apontada por tantas décadas como a primeira emissora brasileira.

Hoje, podemos olhar em retrospectiva e entender que esta efeméride é uma construção política, que supervaloriza o protagonismo carioca, desconsiderando uma série de experiências anteriores. Pode-se citar desde as pioneiras transmissões de voz humana pelo padre-inventor gaúcho Roberto Landell de Moura, na virada do século XIX para o XX, passando por demonstrações públicas apagadas da historiografia, como a da Telefunken na Bahia em 1911 e a da Marconi Co. na Ilha das Cobras, na Guanabara, em 1920¹, – e, claro, culminando na criação da Rádio Club de Pernambuco, já em 6 de abril de 1919.

O professor e pesquisador pernambucano Luiz Maranhão Filho advoga o reconhecimento do papel pioneiro da Rádio Club na radiodifusão há mais de 30 anos. Agora, a maioria dos colegas lhe dá razão: integrantes do Grupo Temático História da Mídia Sonora, da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar), divulgaram, em julho de 2020, a Carta de Natal, documento que reconhece a primazia da emissora de Recife, até hoje no ar, como Rádio Clube, exceto por um curto período em que se tornou afiliada da Rádio Globo, do Rio de Janeiro.

O pioneirismo dos pernambucanos tira a importância de experiências anteriores e posteriores? Absolutamente, não. O reconhecimento à Rádio Club reforça a importância de compreendermos a história de um dos meios mais populares jamais criados, buscando preencher lacunas, corrigir erros históricos, olhar de maneira crítica para o que já foi dito sobre o fenômeno e analisá-lo.

A história do meio desenha-se de maneira fluida e considera o acesso a novas fontes de informação, o olhar de novos sujeitos sobre os processos, o entrecruzamento de dados, de relatos e de documentos. O movimento de revisitação da história, dos registros e de seus caminhos reflete também a própria trajetória do rádio, com suas revisões, mudanças, adaptações a novos contextos. O meio centenário já foi muitos rádios, integrou e integra a história do país, aproximou-se do público, construiu novas audiências, novas relações, revisitou-se.

O mesmo movimento, que hoje vem da academia, veio também do meio. A necessidade de olhar para si e de entender seus processos, de compreender sua trajetória como um caminho que inclui processos um dia silenciados e que passam, a partir da ação de estudiosos, a ganhar voz. A mudança, como dizia Mário Lago, foi lenta em alguns momentos chave, mas ela aconteceu e permitiu ao meio atualizar-se e permanecer, mantendo seu papel na construção da própria ideia de sociedade.

¹Conforme mostrado por Luiz Artur Ferraretto em *O rádio antes do rádio: O Brasil como mercado para a indústria eletroeletrônica (1910-1920)*. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 17, n. 33, p. 145-164, jan./jun. 2018.

O rádio é um meio cíclico, iterativo, que olha para si, que aprende com suas experiências na construção de seu futuro. É técnico, tecnológico e inovador, mas também emocional e acolhedor. É próximo, informativo, educador.

Nos estudos radiofônicos brasileiros, há uma tradição de olhar para a história e para a memória do meio e dos sujeitos que o compõem. Isso permite compreender, a partir de perspectivas teórico-metodológicas variadas, os caminhos seguidos e as mudanças implementadas. Permite realizar correlações e entender o encadeamento dos acontecimentos em distintos tempos históricos e narrativos.

O dossiê “100 anos de Metamorfose – Rádio e Inovação” vem contribuir para a compreensão desse encadeamento temporal e dessa interconexão entre a trajetória do rádio e sua configuração nos dias atuais. Pretende olhar para a diversidade e para o potencial inovador de um meio centenário que não só mantém sua força, mas revigora-se, incorporando novos atores, técnicas e práticas ao seu cotidiano. Entende, então, a metamorfose e a inovação – seja tecnológica, seja de processos – como parte de sua essência.

Editar o dossiê foi tão desafiador quanto mergulhar na pesquisa histórica do rádio. Numa prova de vitalidade do campo, tivemos 36 submissões. Ao fim do processo, com a participação inestimável de dezenas de colegas pesquisadores que atuaram como pareceristas ad hoc, selecionamos os 11 artigos aqui apresentados.

O artigo de abertura, “Rádio no Brasil: histórias a serem contadas”, de Luiz Artur Ferraretto (UFRGS), aciona autores e perspectivas metodológicas vinculadas à construção da narrativa histórica para identificar nos anos 1970 o início da sistematização da pesquisa historiográfica no meio. O autor discute também as lacunas da construção dessa narrativa nos estudos de rádio brasileiros, passando por questões como o caráter acadêmico, memorialístico ou jornalístico das produções, por olhares idealizados ou demonizadores ou ainda pela preponderância de estudos sobre uma área do rádio em detrimento de outras.

A história do rádio apresenta diversos marcos tecnológicos que afetam seu desenvolvimento, seu posicionamento frente à audiência e ao mercado. No artigo “Inovação na tradição: a migração do AM para o FM como fator de renovação do rádio brasileiro”, Nair Prata (UFOP) e Nelia Del Bianco (UnB/UFG) partem do conceito de inovação para analisar o processo de migração do AM para o FM no rádio brasileiro. As autoras compreendem a inovação pela perspectiva schumpeteriana e, portanto, lançam sobre ela um olhar contextualizado que compreende três eixos centrais: a reorganização do espectro de radiofrequências, a reconfiguração da programação e a inserção de emissoras em plataformas digitais.

João Paulo Malerba, doutor pela UFRJ, apresenta uma mirada a uma questão contextual e complexa do rádio no artigo “Sobre os limites da participação político-partidária e religiosa nas rádios comunitárias: análise do caso brasileiro”. Tratando especificamente da radiodifusão comunitária, o autor apresenta resultados de pesquisa inédita, discute a constituição dos atores políticos e religiosos nestes espaços e apresenta proposta de gradação para compreender a complexidade das relações estabelecidas por esses atores no campo comunitário.

Também ancorada no olhar regulatório, a publicidade radiofônica, perspectiva pouco explorada nos estudos da área, é contemplada pelo artigo “Hora do intervalo: a evolução do espaço da publicidade no rádio sob a ótica regulatória”, de Fernando Morgado (Facha). Com uma análise que se inicia em 1917 e segue até o cenário atual do rádio, o autor analisa a evolução do percentual de tempo dedicado à publicidade no meio. Realizando uma análise contextual, que contempla os períodos históricos, Morgado conclui que há uma necessidade de adaptação das normas legais que tratam da publicidade radiofônica ao contexto da convergência midiática.

Ainda no cenário da convergência e da circulação em plataformas digitais, Eloísa Joseane da Cunha Klein (Unipampa) e Lídia Raquel Maia (Unisinus) apresentam o artigo “Reconfiguração do tempo da audiência na circulação de programa de

rádio em mídias sociais”. O texto parte do conceito de imediatez, um dos elementos centrais do rádio tradicional, e analisa sua migração para as dinâmicas de circulação de conteúdo em redes sociais. As autoras apontam, como resultados, uma reacomodação das lógicas do jornalismo de rádio, principalmente no que diz respeito a uma redefinição das noções de efêmero, de interesse público e de atual.

Sônia Caldas Pessoa e Matheus Henrique da Silva Salvino (UFMG) também discutem os novos fazeres no rádio, especialmente em sua inserção em plataformas digitais. No texto “Podcast, acessibilidade afetiva e inclusão: introvertendo movimentos sonoros e de afetação”, eles analisam, a partir da Teoria dos Afetos, a produção de podcasts por pessoas em situação de deficiência. Para os autores, ainda que no rádio hertziano o espaço de representatividade dos autistas seja restrito, os podcasts surgem como um lugar de maior visibilidade, onde reivindicam falar por si, sem a mediação de produtores.

Também pela perspectiva do afeto, o artigo “A vinculação afetiva do sujeito diaspórico: do rádio de antena ao expandido”, de Claudia Irene de Quadros (UFPR), Barbara Maia (UERJ) e Manoella Fortes Fiebig (UFPR) retoma debates sobre escuta e jornalismo para tratar da condição do migrante, do seu reconhecimento e da lógica de pertencimento. O debate discute o afeto e o pertencimento nas diversas manifestações e espaços de circulação do rádio, indicando o estabelecimento de conexões com a audiência como uma das possibilidades a serem potencializadas pelo rádio diaspórico nas plataformas digitais.

As possibilidades de experimentação e criação sonora são exploradas por Luana Viana (UFJF) no artigo “Áudio imersivo em podcasts: o recurso binaural na construção de narrativas ficcionais”. Partindo do debate sobre o podcasting, sua caracterização e suas dinâmicas de produção e consumo, a autora aponta para os debates sobre ficção sonora e as estratégias de construção de narrativas imersivas nestas produções. Propõe, como resultado, três vertentes de apropriação do áudio binaural em narrativas ficcionais: na voz do personagem, na ação sonora e na composição do cenário acústico.

No texto “Criação musical na Era do Rádio: maestros e arranjadores, entre a tradição e a modernidade”, Raphael Fernandes Lopes Farias (Unip) e Heloísa de Araújo Duarte Valente (Unip) discutem o papel dos maestros arranjadores das rádios e gravadoras na produção fonográfica brasileira entre as décadas de 1940 e 1950. A partir da análise do trabalho destes maestros e de sua relação com intérpretes, os autores apontam para a consolidação de um panorama estético-midiático na paisagem sonora da época, destacando o protagonismo destes profissionais.

O romantismo e a proximidade com os ouvintes, tão importantes na trajetória do meio, surgem no artigo “Rádio que parla d’amore: memórias do amor e de um país imaginado como romântico”, de Mônica Rebecca Ferrari Nunes (ESPM). Coordenando três perspectivas centrais – as teorias do rádio, da memória e do afeto –, a autora discute a importância das vinculações amorosas para pensar o conceito de memória no rádio voltado para comunidades italianas. O percurso metodológico do artigo contou com análise documental e entrevistas.

Outro acionamento emocional e que marca a história do meio no Brasil é apresentado por Cristiane Finger Costa (PUCRS) e Ciro Augusto Francisconi Götz (PUCRS) no artigo “Narradores de futebol do rádio de Porto Alegre: dos desbravadores aos contemporâneos”. Com um eixo teórico centrado nas técnicas de narração, na retórica e através de um estudo bibliográfico, os autores traçam uma linha do tempo da locução esportiva na capital gaúcha, demarcando características e estilo a partir do contexto da narração e das atribuições dos profissionais em cada momento histórico.

São 11 artigos diversificados, que dão um panorama da produção contemporânea dos pesquisadores brasileiros da radiofonia, convidando-nos a pensar o meio e atestando-lhe vitalidade em seu centenário. Que possamos escutar e refletir sobre o rádio pelos próximos 100 anos, ou mais.

Valci Zuculoto (UFSC), Debora Lopez (UFOP) e Marcelo Kischinhevsky (UFRJ/UERJ)